

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO ANÁLISE DOS CADERNOS DE FORMAÇÃO DO PNAIC

MILENA VENZKE KAADT¹; DÉBORA HARTWIG WENDLER²; MAURICIO CARDOSO DIAS³; MARTA NÖRNBERG⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – milena_kaadt@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – deborahhartwig@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – mauricio.cardoso2017@outlook.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – martanornberg0@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O corrente estudo, ainda em fase inicial, é vinculado ao projeto de pesquisa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC): Formação continuada de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo inicial de alfabetização (1º ao 3º ano do ensino fundamental), no âmbito do Observatório da Educação/CAPES, identificado pela sigla OBEDUC-PACTO.

O objetivo é trazer uma abordagem sobre o que é letramento e alfabetização e, respectivamente, como esses conceitos são apresentados nos cadernos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em especial, os da educação do campo (BRASIL, 2012).

Neste resumo será realizado um primeiro exercício de averiguação do caderno da Unidade 01 da educação do campo. Estudar e analisar tal assunto é importante para profissionais que atuam ou atuarão no meio rural, pois remete diretamente à tarefa de construção de um projeto político pedagógico “que respeite e valorize a cultura da população na qual a escola está inserida, a fim de que alunos construam suas identidades de forma positiva e valorativa.” (RODRIGUES, BONFIM, 2013, p.1375).

Em decorrência das lutas realizadas por movimentos sociais, em especial, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra¹ (MST), cada vez mais a educação no campo tem conquistado o seu lugar no debate e na construção da política educacional. Como diz SOUZA (2008, p.1090):

“A educação do campo tem conquistado lugar na agenda política nas instâncias municipal, estadual e federal nos últimos anos. Fruto das demandas dos movimentos e organizações sociais dos trabalhadores rurais, a educação do campo expressa uma nova concepção quanto ao campo, o camponês ou o trabalhador rural, fortalecendo o caráter de classe nas lutas em torno da educação. Em contraponto à visão de camponês e de rural como sinônimo de arcaico e atrasado, a concepção de educação do campo valoriza os conhecimentos da prática social dos camponeses e enfatiza o campo como lugar de trabalho, moradia, lazer, sociabilidade, identidade, enfim, como lugar da construção de novas possibilidades de reprodução social e de desenvolvimento sustentável.”

Em razão de especificidades e características próprias da vida no campo, consideramos de suma importância que os professores que atuam em escolas do campo tenham uma formação continuada específica. No contexto do PNAIC, há cadernos de formação específicos para a educação do campo e estes são de suma importância para os formadores dessa classe, pois os ajudam a construir

¹ O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 70, especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. Para saber mais sobre o assunto ler: “O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo” (CALDART, 2001).

conhecimentos específicos da escolarização em contexto campesino e dão, conjuntamente, uma formação continuada aos mesmos.

A alfabetização vem sendo debatida há muito tempo e desde a década de 1980 o debate foi ampliado e atingiu um novo patamar. “Como a nossa sociedade está em constante evolução surgem cada vez mais maneiras no uso da língua escrita, fazendo-se necessário que o indivíduo tenha uma capacidade maior do que apenas decifrar ou desenhar o código alfabético. Em virtude disso, a alfabetização ganhou novos olhares, dentre eles surgiu o letramento” (PORT, 2017, p.17). O letramento é, sobretudo, o que as pessoas fazem com a leitura e a escrita no contexto de suas práticas sociais e está diretamente associado à alfabetização, que é a ação de aprender a ler e escrever (SOARES, 1998). Sendo assim, são dos processos indissociáveis e essenciais para a formação de cada indivíduo.

Alfabetização, portanto, está intimamente ligado ao termo letramento. Como afirma SOARES (1998, p. 47):

Precisaríamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento... Assim teríamos alfabetismo e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Segundo SOARES (1998), letramento é o uso da escrita nas práticas sociais, independente da alfabetização do sujeito. Para PORT (2017, p.18), “letramento é entendido como incorporador das habilidades do uso da leitura e da escrita em práticas sociais e como o aprendente passa a exercer essas práticas sociais da leitura e da escrita”.

Entendendo que a educação do campo precisa de um projeto pedagógico diferente do meio urbano, pois são culturas distintas, e reconhecendo minha origem campesina, tenho especial interesse em estudar o que trazem os cadernos do PNAIC para a formação continuada dos professores alfabetizadores que atuam na educação do campo, em especial, focalizando como as concepções de alfabetização e letramento são explicitadas e quais práticas são propostas para o contexto do campo.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como qualitativa. Para realizar a investigação, dois momentos estão previstos: no primeiro, de caráter mais bibliográfico, serão observados como os dois conceitos - alfabetização e letramento - estão expostos nos cadernos de formação da educação do campo. Em segundo momento, serão identificados quais orientadores de estudo do PNAIC trabalharam com professores alfabetizadores que atuam em escolas do campo e, na sequência, realizaremos a análise dos seus planejamentos e relatórios de formação.

Neste trabalho, em fase inicial, apresentamos um primeiro exercício de análise do caderno de formação, Unidade 01, que tem como título “Currículo no ciclo de alfabetização: perspectivas para uma educação do campo” (BRASIL, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O caderno de formação da Unidade 01, voltado para a Educação do Campo, intitulado “Currículo no ciclo de alfabetização: perspectiva de uma educação do campo”, traz inicialmente uma seção de apresentação sobre o assunto que será abordado. No caso deste caderno, o foco é a “discussão sobre

a construção de um currículo para a educação do campo que atenda aos interesses e demandas de suas populações e também trazem a problematização de alguns desafios e perspectivas das escolas do campo” (BRASIL, 2012, p.7).

Em seguida, na seção intitulada Aprofundando o tema, o primeiro texto, “1. Currículo no ciclo de alfabetização: introduzindo a discussão sobre a educação do campo”, diz que os cadernos são destinados aos professores do campo, em especial, das escolas multisserieadas. Os autores do texto explicam que em razão dessa característica, torna-se obrigatório inserir no debate sobre a alfabetização as especificidades da realidade do campo, as suas experiências e os seus modos de organização, assim como a cultura desses povos. “É indispensável a valorização das singularidades do campo, ou seja, que a escola possa estender para além dos muros suas aprendizagens e conquistas. A escola, portanto, é um espaço de convivência, desenvolvimento e aprendizagem na e para a vida. Trabalhar a leitura e a escrita a partir dessas atividades pode potencializar os princípios do sistema de escrita alfabetica (SEA) quanto aos diferentes aspectos formativos.” (BRASIL, 2012, p.9-15).

O segundo texto, “2. Alfabetização e letramento no campo: desafio e perspectivas”, se subdivide em nove subtítulos: 2.1 – A respeito dos métodos e concepções de alfabetização: um pouco mais de história...; 2.2 – Alguns métodos: dos métodos sintéticos e analíticos; 2.3 – A psicogênese da língua escrita; 2.4 – Alfabetizar letrando: o que é isso?; 2.5 – Oralidade e cultura escrita no campo; 2.6 – As zonas rurais e urbanas no campo: diferentes contextos, desafios distintos; 2.7 – Que infâncias há no campo?; 2.8 – Educação contextualizada: o papel da prática social para a ação pedagógica; 2.9 – Alfabetização, letramento e oralidade no campo: algumas perspectivas. Observa-se que este segundo texto apresenta uma multiplicidade de temas. Dentre esses, selecionei três seções que continham os termos alfabetização e/ou letramento no título. São eles:

“2.1 – A respeito dos métodos e concepções de alfabetização: um pouco mais de história...” (BRASIL, 2012, p.17-18): a seção traz, inicialmente, um relato de um adulto sobre o processo de alfabetização para, na sequência, explicar os métodos sintéticos de alfabetização (que partem das unidades menores da língua para as maiores) e os analíticos (que partem do estudo de unidades significativas da língua para as menores). Também explica sobre outros métodos, os analíticos-sintéticos, que articulam aspectos dos anteriores, porém acabam produzindo textos artificiais. Nesta seção destaca-se a importância de pensar a alfabetização inicial com metodologias que incluem, por exemplo, palavras da vida cotidiana das pessoas do campo.

“2.4 – Alfabetizar letrando: o que é isso?” (BRASIL, 2012, p. 21, 22): discute a alfabetização na perspectiva do letramento e inclui uma segunda dimensão, a inserção do aprendiz nas práticas de leitura e escrita, pois é isso que pode garantir que as crianças, jovens e os adultos do campo façam o uso real da leitura e da escrita em seu dia a dia.

“2.9 – Alfabetização, letramento e oralidade no campo: algumas perspectivas” (BRASIL, 2012, p. 29-30). Os autores estimulam a prática da oralidade nas escolas do campo, pois entendem que isso fará com que o processo de alfabetização se torne enredado pela cultura e saberes populares locais. Da mesma forma, o letramento pode ser enriquecido, pois os diversos gêneros orais produzidos no campo possuem características próprias que enriquecem a discussão em sala de aula.

O terceiro texto tem como título “3. Avaliação e progressão escolar no ciclo de alfabetização” e se subdivide nos seguintes subtítulos: 3.1 – Introdução: bases da discussão; 3.2 – Avaliação, ciclos de aprendizagem e processos formativos;

3.3 – Multisseariação, coeducação e avaliação: articulando metas e processo no ciclo de alfabetização na educação do campo; 3.4 – Concluindo. Apenas um subtítulo continha os termos alfabetização e/ou letramento: “3.3 – Multisseariação, coeducação e avaliação: articulando metas e processo no ciclo de alfabetização na educação do campo” (BRASIL, 2012, p. 36-39). Os autores referem que o regime seriado recebeu críticas ao longo da história da educação e, também, observam que embora a reorganização para ciclos tenha sido feita, esta ainda não causou melhorias significativas nos processos de aprendizagem. Indicam que na educação do campo, a multisseariação tem sido a proposta de organização mais frequente. Outro aspecto que destacam positivamente é o fato da professora, muitas vezes, ser vizinha dos seus alunos, o que faz com que ela saiba dos costumes da região, tornando a alfabetização mais qualificada.

Os cadernos ainda têm outras duas seções. Na seção Compartilhando são apresentados os direitos de aprendizagem em Língua Portuguesa e na seção Aprendendo mais são indicadas sugestões de leituras e de atividades para os encontros de formação.

4. CONCLUSÕES

Letramento e alfabetização são processos que andam juntos e são de grande importância para o crescimento intelectual das pessoas e da sociedade, em geral, pois aprender a ler e escrever e ainda efetivar essas duas dimensões no dia a dia formam indivíduos realmente letrados.

No caso do caderno de formação do PNAIC analisado, percebe-se que os textos seguem uma linha de raciocínio evolutiva, apontando que a alfabetização e o letramento estão intimamente ligados. Também referem a prática de leitura e escrita como atividades importantes não só para a compreensão dos diversos gêneros textuais, como também na apropriação da língua no meio em que a criança ou jovem está inserida.

Por fim, os textos abordam sobre a importância de ensinar as crianças pensando em seu meio cultural, produzindo textos e fazendo brincadeiras que se refiram a tais experiências e práticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: currículo no ciclo de alfabetização: perspectiva de uma educação do campo:** educação do campo: unidade 01. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2012.

CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos avançados**. São Paulo, v.15, n.43, p.207-224, 2001.

PORT, S. E. Alfabetização e letramento: o educador e os desafios de ensinar. In: RODRIGUES, A. F; FORTUNATO M. P. (org.) **Alfabetização e Letramento. Prática reflexiva no processo educativo**. São Paulo: Humanitas, 2017. p.17-30.

RODRIGUES, H. C. C; BONFIM, H. C. C. A educação do campo e seus aspectos legais. **EDUCERE - XIII Congresso Nacional de Educação**. Curitiba: PUCPR, 2013.

SOARES, M. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, M. A. Educação do campo: Políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Educação & Sociedade**. Campinas. v.29, n.105, p.1089-1111, 2008.